

Prefácio ao livro de Francisco Soares, professor da Universidade de Évora: *A autobiografia crítica de “M. António”: uma estética e uma ética da criouldade angolana*, Évora, Editora Pendor, colecção “Ao Sul, 5”, 1996, 421 p.



## PREFÁCIO

por

José Carlos Venâncio



*Foi com uma sensação simultaneamente de prazer e angústia que recebi o convite do Francisco Soares para prefaciar o livro que iria publicitar a sua tese de doutoramento, por mim orientada e melhor defendida na Universidade de Évora, em Janeiro último. Prazer porque era a confirmação do êxito de um trabalho, para o qual havia contribuído, mesmo que desapercebidamente. Angústia porque é-me difícil, em poucas palavras, apresentar uma obra tão*

*complexa e teoricamente tão estruturante, como a que ora se apresenta.*

*A Autobiografia Lírica De «M. António», para além de repor a verdade sobre a obra literária e, de certa forma, histórico-antropológica, de um grande poeta e de um grande intelectual de língua portuguesa, tem ainda o mérito de ter desenvolvido, na qualidade de trabalho interdisciplinar, uma perspectiva inédita no panorama dos estudos literários e das ciências sociais em Portugal. Refiro-me ao que designaria por Antropologia Literária. Diferentemente da Antropologia da Literatura ou da Sociologia da Literatura, cujas abordagens assentam fundamentalmente na consideração do acto de escrita como uma acção humana sistematicamente integrada, i.e., culturalmente (no caso da Antropologia) e socialmente (no da Sociologia), a Antropologia Literária, com uma vertente mais literária que as anteriores abordagens, distingue-se por recorrer (em muitas das situações fortuitamente) à Antropologia ou à Sociologia para levar por diante a sua tarefa hermenêutica e conseqüentemente crítica e valorativa. E foi isto que o Francisco Soares precisamente fez. Analisou a lírica em verso de Mário António (Fernandes de Oliveira) à luz da autoconsideração do autor como intelectual crioulo e angolano. Procurou descortinar no poeta as ideias e o sentir do ensaísta e, quiçá, do político.*

*Esta apresentação ficaria, porém, incompleta, se não dedicasse algumas palavras ao sentido de criouldade na obra ensaística de Mário António, que tantos dissabores lhe causou após o 25 de Abril, não só na sua terra natal, Angola, mas também em Portugal, onde não deixou de ser igualmente relegado ao esquecimento.*

*Criouldade, criouldização, sociedades crioulas ou simplesmente crioulos, são conceitos e processos sociais desprovidos de um sentido universalmente aceite, porque foram apropriados pelas Ciências Sociais, mormente pela Antropologia, sem o adequado tratamento teórico. Assim,*

*consoante a história local, assim muda a realidade a que se referem. A sua aplicação a realidades e a processos sociais desenvolvidos na esteira da colonização portuguesa na costa ocidental africana, mormente em Angola, foi devida a Mário António, no seu célebre livro Luanda, «Ilha» Crioula (Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1968). Fê-lo imbuído do espírito luso-tropicalista de Gilberto Freyre, donde ter integrado a experiência dos "núcleos litorâneos" crioulos no que designou por "Arquipélago Sul-Atlântico Português". Não obstante ter olhado para Luanda como uma "ilha crioula", fazendo-o por comparação expressa com a situação social "das ilhas crioulas do Atlântico" (p. 16), não deixa de ser evidente, quanto mais não seja pela cidadania da teoria em que se inspirou, que a realidade central e sul-americana pesou muito mais na generalização efectuada do que a realidade africana. O sentido de crioulo e de sociedade crioula que utiliza encontra-se, ainda hoje, no Perú, na Guiana Francesa, designando aqueles que, tendo uma vida citadina e europeizada, se distinguem da grande massa populacional, constituída por índios. Deste facto resulta que o conceito surja forçado quando comparado com a história e a realidade sociológica da restante África. Forçado mas, de modo algum, despropositado. A história de Angola, desde a sua fundação como colónia no século XVI, tem-se pautado por um percurso sui generis em relação à restante África. Tive a oportunidade de estudar e demonstrar (1983; 1984; 1996) esta especificidade em relação a um período que se estende da segunda metade do século XVII à primeira metade do século XIX, um período que foi, desta forma, coberto pelo chamado mercantilismo, em termos de história europeia, e pelo II Império, no que se refere ao colonialismo português. É essa mesma especificidade visível em todas as dimensões sociais e humanas envolvidas na vivência, muitas vezes sobrevivência, da colónia, circunscrita na altura*

*à cidade de Luanda e ao seu hinterland e à cidade de Benguela. Uma das conclusões a que então cheguei foi que a economia e a vida da colónia de Angola, da altura, tinham muito a ver com a realidade sulamericana e especificamente brasileira, espaço onde, em termos funcionais e estruturais, se integrava. Ajudam a essa integração o comércio esclavagista (o chamado comércio triangular) e, talvez mais importante ainda, a partilha da divisão de trabalho europeia, tida - no âmbito dos defensores da teoria do sistema-mundo - como o factor principal da unidade do que designam por economia-mundo europeia e que, na altura, contextualizava não só as economias e sociedades angolana e brasileira, como a própria política colonial portuguesa.*

Verifica-se assim que em termos históricos e sociológicos se torna pertinente falar de criouldade, núcleo crioulizante ou mesmo sociedade crioula em Angola, mesmo que a referência contextual a que nos remete um tal uso tenha menos a ver com a realidade africana do que com a sul-americana. É assim a história.

O objectivo de Francisco Soares não foi, contudo, averiguar a pertinência de uma tal designação em Angola. Limitou-se, como vimos, a procurar no sujeito lírico Mário António a afirmação crioula, implícita no sujeito ensaísta. Tarefa académica que cumpriu cabalmente.

**José Carlos Venâncio**

*Covilhã, Maio de 1996*